

Desafios para uma missão diaconal com pessoas migrantes e refugiadas

Challenges for a diaconal mission with migrant people and refugees

Carlos Henrique Viana Echeverria

Teólogo com bacharelado em Teologia por Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Este texto é fruto de uma pesquisa vinculada ao Grupo de Pesquisa Identidade Étnica e Interculturalidade do PPG da Faculdades EST, sob a coordenação do Dr. Roberto E. Zwetsch e da Professora Mestre Selenir Gonçalves C. Kronbauer, do qual o autor participa desde 2016.

Resumo:

Este artigo pretende refletir sobre o desafio da igreja em uma ação diaconal perante a crise humanitária das pessoas migrantes e refugiadas. Para tanto, esta pesquisa analisa a situação de migrantes internacionais e as bases testamentárias que demonstram esta situação trágica e atual, presente também em toda narrativa bíblica, a fim de identificar os desafios para uma missão diaconal junto a esses grupos. O artigo a partir do método ver, julgar e agir, divide-se em duas partes: na primeira parte analisa o fenômeno das migrações e refúgios atuais, principiando em apresentar dois casos de pessoas migrantes que vivem no Brasil, bem como identificar as causas que levam as pessoas a migrarem ou se refugiarem em outro país. Na segunda parte, busca-se ponderar a importância e recorrência temática que os escritos bíblicos apontam, refletindo de forma sistemática as implicações que a *opção de Jesus pelos pobres* urge em um inequívoco desafio para Igreja. Por fim, esta pesquisa ainda busca recolher dados de experiências motivadoras que comunidades locais tiveram através do contato e ação diaconal com pessoas migrantes.

Palavras-chave: Migrantes e refugiadas. Diaconal. Igreja.

Abstract:

This article intends to reflect on the challenge of the church in a diaconal action facing the humanitarian crisis of the migrant and refugee people. For this, this research analyzes the situation of international migrants and the testament bases which demonstrate this tragic and current situation, also present in the whole biblical narrative, so as to identify the challenges for a diaconal mission among these groups. The article, based on the method see, judge and act, divides itself into two parts: in the first part it analyzes the phenomenon of the current migrations and refugee situations, beginning with the presentation of two cases of migrant people who live in Brazil. It also identifies the causes which lead people to migrate or to seek refuge in another country. In the second part the quest is to ponder the importance of the recurring theme pointed out in biblical writings, reflecting in a systematic way the implications which the *the option of Jesus for the poor* presents as an unambiguous challenge for the church. Finally, beyond this, this research seeks to gather data of motivating experiences which local communities have had through contact and diaconal action with migrant people.

Keywords: Migrants and refugees. Diaconal. Church.

Introdução

As situações e realidades que violentam a dignidade humana e do mundo não podem, de forma alguma, passar despercebidas por uma Igreja comprometida com o anúncio do Reino de Deus, fundamento teológico do ministério de Jesus Cristo, que em sua dimensão concreta (já) se manifesta através de realidades onde a vida criada por Deus floresce de forma livre e vibrante. A Igreja que se ocupa deste anúncio é guardiã da vida com dignidade, corajosa em denunciar e combater as estruturas, sistemas e lógicas que a ameaçam. Atualmente, observamos fenômenos que evidentemente são gerados por estruturas, sistemas e lógicas coniventes com interesses egoístas e de consumo, os quais simplesmente ignoram o bem comum.

Um desses fenômenos, o qual ganhou destaque nos últimos anos, talvez por sua brutalidade e amplitude, são as migrações e refúgios internacionais. Tal fenômeno denuncia uma das maiores crises humanitárias que o mundo moderno já viu. Os números que contabilizam as vítimas fatais durante as travessias – por exemplo, no Mar Mediterrâneo – batem todos os recordes. Pode-se afirmar que o Mar Mediterrâneo é atualmente o maior cemitério do século XXI. Só o número estimado de crianças mortas tentando fazer a travessia passa longe de milhares. Dostoiévski expressa com clareza e objetividade a impossibilidade de justificarmos tamanho sofrimento teologicamente: “Se me disserem que o sofrimento das crianças inocentes tem recompensa em um céu, não me convidem. Devolvo o ingresso já”¹.

A ideia expressada pelo filósofo indica a impossibilidade da Igreja cristã se esquivar desse problema, fazendo de conta que o assunto não é com ela, e que no “céu” tudo vai se resolver. Fato é que a morte prematura e, especialmente, a negação da dignidade humana presente nos processos migratórios atuais é a negação da própria vontade de Deus, não restando alternativa para a Igreja a não ser a de testemunhar a mensagem do Reino de Deus de forma concreta, acentuando a dimensão do (já) de sua presença, ainda que em meio a desgraças inimagináveis.

Embora as migrações e refúgios manifestam-se como um desafio atual para a Igreja, o fenômeno é um velho conhecido do cristianismo e do judaísmo. Migrações e refúgios fazem parte da base da fé de Israel. A realidade que vivem os migrantes hoje encontra várias similaridades no evento que, para muitos exegetas, é fundante da fé de Israel, a saber, a libertação dos hebreus da dominação egípcia:

¹ DOSTOIEVSKI, Fiodor, apud SOBRINO, Jon. *Onde está Deus?* Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 191.

Disse ainda o SENHOR: Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu (Êxodo 3. 7,8).²

Vários personagens bíblicos interpretaram tal evento como a prova cabal de que Javé não suporta ver seus filhos e filhas sendo oprimidos, pelo contrário, quer vê-los experimentando uma vida pulsante, para a qual foram criados, e por isso acompanha seu povo no processo migratório de libertação rumo a um lugar onde poderão viver uma vida com dignidade e fartura. Além disso, segundo o testemunho dos evangelistas, as migrações e refúgios foi uma realidade bastante conhecida de Jesus e sua família, tanto é que a mesma precisou fugir para o Egito, para seu filho recém-nascido não ser morto por Herodes (Mt 2. 13,23).

Com base nessa realidade trágica, mas desafiadora, urge buscarmos no testemunho bíblico inspiração e orientação para lidarmos com esse desafio que perpassa a história do povo de Deus e nos convoca, de uma forma especial e urgente, nos dias de hoje.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a situação de migrantes internacionais, investigar bases bíblicas e teológicas sobre a temática, a fim de identificar os desafios para uma missão diaconal junto a esses grupos e apontar breves pistas de ação prática. Para tanto, após a introdução, o trabalho foi estruturado em dois capítulos desenvolvendo a temática a partir do método *ver, julgar e agir*. Após, segue uma conclusão ampliada que retoma a pesquisa e apresenta breves pistas de ação em relação ao tema a partir de grupos comunitários, as referências.

O primeiro capítulo analisa o fenômeno das migrações e refúgios hoje, apresenta dois casos concretos de duas pessoas migrantes que vivem no Brasil, posteriormente reflete sobre as dimensões do sofrimento, as violências e dificuldades presentes nos processos migratórios, e, por último, busca identificar as causas que levam as pessoas a migrarem ou se refugiarem em outro país. O segundo capítulo analisa a importância que a temática tem na Bíblia, identifica alguns processos migratórios presentes no AT, passando por testemunhos bíblicos referentes à relação de Javé e de Jesus com os estrangeiros, refletindo de forma mais sistemática e aprofundada sobre as implicações que a *opção de Jesus pelos pobres* representa para os migrantes e refugiados.

Por fim, a conclusão busca recolher os achados da pesquisa e a partir de convivências positivas que as igrejas tiveram através do contato e ações com pessoas migrantes. Ressalta-se ainda a animadora experiência da consulta internacional realizada entre a IECLB e a Igreja Evangélica Luterana na Baviera (ELKB), em 2015, na cidade de Belo Horizonte, mas que lamentavelmente não

² Todas as citações bíblicas neste trabalho terão como referência: BÍBLIA Almeida. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

conseguimos a tempo trabalhar todos os textos e artigos resultante deste encontro, onde conjuntamente representantes dessas igrejas refletiram sobre a recepção, contexto local e internacional do desafio que precisam levar em consideração em sua ação diaconal e missionária.

O trabalho aponta para uma pesquisa de maior envergadura que, no momento, não nos foi possível realizar, demonstrando que a pesquisa deve continuar e ser ampliada em futuros trabalhos. Ainda assim, os dados apresentados e as pistas avançadas nos parecem suficientes para demonstrar a urgência e oportunidade que o tema lança para a IECLB e as igrejas cristãs de um modo geral.

1 – Migrações e Refúgios hoje

O presente tópico não almeja fazer uma análise detalhada e atual do fenômeno que envolve as migrações e refúgios³, objetiva apenas identificar alguns aspectos dessa realidade que, na avaliação dessa pesquisa, precisam ser levados em consideração pelas igrejas e, de forma especial, pela IECLB. Optou-se em iniciar a reflexão explicitando casos concretos de migrantes que vivem no Brasil, pois partiu-se da perspectiva que a base para toda ação da Igreja deve estar fundamentada no chão da vida das pessoas, ali onde ela acontece, no cotidiano. Apresenta-se também alguns casos típicos que auxiliarão a realizar uma análise o mais concreta possível.

1.1 Apresentação e análise de casos

Os casos apresentados a seguir não visam representar a realidade em que vivem todos os migrantes no Brasil, pois tal postura seria extremamente reducionista, tendo em vista a complexidade de cada situação e do fenômeno de forma geral. Apenas têm por objetivo explicitar, a partir de casos concretos, algumas das dificuldades e sofrimentos que são comuns a todos os

³ Segundo recomendações do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) o termo *migrante* não pode ser utilizado como sinônimo para se referir aos *refugiados*. “Apesar de ser cada vez mais comum os termos ‘refugiado’ e ‘migrante’ serem utilizados como sinônimos na mídia e em discussões públicas, há uma diferença legal crucial entre os dois. Confundi-los pode levar a problemas para refugiados e solicitantes de refúgio, assim como gerar entendimentos parciais em discussões sobre refúgio e migração [...]. Portanto, misturar os conceitos de “refugiados” e “migrantes” pode enfraquecer o apoio a refugiados e ao refúgio institucionalizado em um momento em que mais refugiados precisam de tal proteção [...]. Refugiados são especificamente definidos e protegidos no direito internacional. Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de ‘proteção internacional’ [...]. Os fatores que levam indivíduos a migrar podem ser complexos. Muitas vezes as causas são multifacetadas. Migrantes podem deslocar-se para melhorarem suas condições de vida por meio de melhores empregos ou, em alguns casos, por educação, reuniões familiares, ou outras razões. Eles também podem migrar para aliviar dificuldades significativas ocasionadas por desastres naturais, pela fome ou de extrema pobreza. Pessoas que deixam seus países por esses motivos normalmente não são consideradas refugiadas, de acordo com o direito internacional”. ACNUR. “Refugiados” e “Migrantes”: Perguntas Frequentes. 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>> Acesso em: 12 abr. 2018. Diante disso, por recomendação da agência utilizaremos os termos migrantes e refugiados, dentro de seus respectivos sentidos e significados.

migrantes e a partir dessa análise construir uma reflexão comprometida com a realidade das migrações e refúgios na atualidade.

Mona

Eu morava na República Dominicana há vinte anos. Quando escutei da lei que abriu as portas do Brasil, o meu pai entrou no país. Eu consegui um voo para o Brasil, e meu marido veio seis meses antes de mim porque aqui tinha trabalho. Na República Dominicana não me davam trabalho – não dão trabalho aos haitianos. Saí do país com muitos problemas... São racistas. Eu estava vivendo lá e não conseguia amar. Estava vivendo sem casa, na rua, sem roupa. Eu gostaria de trazer minha mãe, mas ela não tem força. Se eu não trabalho aqui pra mandar dinheiro pra minha mãe, ela não tem nada. Falo com ela todos os dias. Eu ainda tenho outro filho lá... e tinha uma filha, também. Minha filha estava na República Dominicana, ia à escola com a filha do meu marido. Eu pedi visto para as duas para trazê-las aqui. Seis meses depois ela caiu no chão da escola e minha cunhada a levou ao hospital. Ela estava com anemia, ficou internada nove dias e melhorou um pouco. Depois passou muito mal e voltou pro Haiti. Faleceu uma semana depois que chegou no Haiti. Eu não posso ir ao psicólogo, chego muito tarde do trabalho e não tenho como ir depois. Sinto muita dor no coração. Às vezes eu não quero comer, não quero dormir... É difícil. Mas meus colegas, meus amigos, são muito bons comigo. Eles oram comigo, me abraçam, me ajudam. Quando minha filha faleceu, cheguei ao trabalho e todos me abraçaram e disseram: “Tenha confiança em Deus, Ele vai te ajudar”. Me sinto muito bem aqui no Brasil. No hospital os pacientes, doentes com câncer, me ajudam a superar isso, me dão presentes, me abraçam, oram comigo... não quero voltar pra lá, a República Dominicana. Eu digo a Deus muita obrigada por estar no Brasil.⁴

Maria

Eu estou no Brasil há cinco anos; vim para ter uma vida melhor. Na Bolívia, eu e meu marido morávamos na cidade de Oruro onde buscamos trabalho, mas não havia o que fazer. Então buscamos uma vida melhor para os nossos filhos, pois não havia muitas oportunidades para que eu pudesse estudar ou trabalhar. Eu saí do colégio e já vim para cá sozinha com minha filha, que era pequena. Meu marido veio depois e moramos juntos agora. Chegar a São Paulo foi muito diferente. Tudo mudou, e nós não entendíamos a língua. Às vezes, quando íamos fazer nossa documentação, a única resposta era um curto e grosso: “não”. Eu sentia muita discriminação. Por causa da língua as pessoas diziam: “Ah, boliviana? Deixa para lá! Espera um pouco”, deixando-nos desacompanhados. Às vezes brigávamos. Agora que eu entendo mais a língua portuguesa está mais fácil. Quando a gente não entende a língua, ficamos em situação de desvantagem. Eles falam: “Ah, você está no Brasil, tem que falar português!”. E a gente aprendeu. Agora eu desenho roupas. Eu fiz este vestido que estou usando para a Competição de Poesia. Hoje eu costuro, mas a qualidade de vida caiu. Quando eu cheguei estava bom, e agora que eu abri minha oficina, não está bem. Os custos das coisas estão subindo mais – a comida, a cesta básica, etc. – e o nosso trabalho e nosso salário está o mesmo. Não sobe nada. Às vezes os preços das coisas que produzimos estão baixando também. Na apresentação da minha poesia, eu falei que queria paz, justiça, liberdade e trabalho. Este é o primeiro ano que me apresento, e eu estava um pouco nervosa. As correntes nos meus braços são da escravidão. Estava falando de mim e de todos, porque nós queremos liberdade, paz, justiça e trabalho. Olha. Eu quero ficar mais tempo no Brasil por minha filha, porque ela é brasileira. Ela gosta daqui. Eu me acostumei com o Brasil, e eu estou com minha família. Não sinto falta da Bolívia. Eu só quero paz, justiça, liberdade e trabalho, só isso. Aí, depois, vai estar tudo bem.⁵

⁴ ROSTOS DA MIGRAÇÃO. Mona. Disponível em: <<http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso 10 abr. 2018.

⁵ ROSTOS DA MIGRAÇÃO. Maria. Disponível em: <http://rostos.org/pt/2017/02/maria-4/>>. Acesso 10 abr. 2018.

A atriz, cineasta e enviada especial do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR, Angelina Jolie, ao visitar um campo de refugiados em Khanke, província iraquiana de Dohuk, relata algumas situações impactantes de refugiados da guerra na Síria:

O que dizer a uma garota de treze anos que descreve os galpões onde ela e outras ficaram e de onde eram tiradas, três por vez, para serem estupradas pelos homens? Quando seu irmão descobriu, se matou. [...] Como articular alguma coisa quando uma mulher da minha idade me olha nos olhos e diz que viu a família ser morta na sua frente e agora vive só com um mínimo aceitável de comida para sobreviver? [...] Em uma das barracas, conheci oito irmãos. Órfãos. O pai foi morto, a mãe desapareceu, provavelmente feita refém. O rapaz de 19 anos é o que sustenta a todos. Quando comento que é muita responsabilidade para alguém tão jovem, ele só sorri e põe o braço no ombro da irmã caçula. Afirma que se sente agradecido pela oportunidade de trabalhar e ajudar. E é sincero. Ele e sua família são a esperança de algum futuro. São fortes e determinados contra todas as expectativas.⁶

São milhares de histórias que se somam a essas, as quais têm em comum um contexto originário de extrema opressão, muito sofrimento, muito difícil de entender para quem vive alheio a perseguições e situações de guerra civil. Mas o que surpreende nesses casos é que a esperança de uma vida melhor prevalece, o sonho de viver dignamente é maior que a opressão e o sofrimento que, por vezes, obrigam pessoas a se sujeitarem a uma mera sobrevivência desgraçada⁷.

1.2 Dificuldades, violência e sofrimentos nas migrações e refúgios

Para o pesquisador na área da missão cristã Roberto E. Zwetsch, “ninguém deixa sua terra, seu país, sua comunidade ou família por curiosidade, diversão, espírito pioneiro ou pelo prazer de viajar. As migrações e refúgios atuais são provocadas, a maior parte delas, forçadas!”⁸. Nos bastidores das migrações e refúgios predominam contextos de extrema opressão e violência que obrigam as pessoas a abandonarem parte de suas vidas em busca da liberdade e uma vida minimamente digna, para elas e seus familiares. Para chegarem ao destino geralmente se sujeitam a viagens extremamente perigosas, arriscando suas próprias vidas e a de seus familiares. Dados recentes da Organização Internacional para as Migrações e Refúgios apontam que desde 2014 mais de 1,2 mil crianças morreram tentando migrar. E o pior de tudo, este número representa apenas 5% do total de mortes contabilizadas nesse período. Afirma o relatório:

⁶ JOLIE, Angelina. A escalada do sofrimento dos refugiados. 2016. *O GLOBO*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-escalada-do-sofrimento-dos-refugiados-15174078#ixzz5CZiMy11H>. Acesso em: 13 Abr. 2018.

⁷ Recomenda-se a biografia escrita por Renel Simon, migrante haitiano, em parceria com a Professora Margarita Rosa Gaviria Mejía: GAVIRIA MEJÍA, Margarita Rosa; SIMON, Renel. *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano*: biografia de Renel Simon. Lajeado: Univates, 2015.

⁸ ZWETSCH, Roberto E. Migração: Um fenômeno atual e desafiador. In: *Curso EAD – Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. p. 1. Disponível em: <https://http://ava.est.edu.br>. Acesso em: 13 abr. 2018.

Desde 2014, mais de 1,2 mil crianças migrantes e refugiados morreram. Quase metade delas faleceu ao tentar atravessar o Mediterrâneo rumo à Europa. Agência da ONU afirmou que o número real de óbitos deve ser bem maior, uma vez que faltam dados precisos sobre a idade de quem cruza fronteiras.⁹

O número de mortos é tão expressivo que fez com que o Papa Francisco escolhesse a ilha italiana de Lampedusa, ponto de passagem de inúmeros migrantes e refugiados que tentam migrar para a Europa, como destino de sua primeira viagem apostólica de seu pontificado em 2013. Como uma forma de “chorar os mortos” daquele grande cemitério com nome de mar Mediterrâneo, ele jogou uma coroa de flores ao mar com o objetivo de chamar a atenção dos responsáveis pelo destino trágico de milhares de migrantes e refugiados que tentam chegar à Europa.

Depois de passarem por inúmeras situações de violência e opressão, a ponto de sentirem-se obrigadas a migrar, enfrentar embarcações extremamente precárias com preços superinflacionados ou mesmo rotas perigosas e difíceis, tais migrantes e refugiados precisam enfrentar uma série de dificuldades nos países de acolhimento. Em termos gerais, Zwetsch identifica algumas das dificuldades e sofrimentos enfrentados por pessoas migrantes e refugiadas nos países de acolhimento:

As pessoas migrantes e refugiadas se veem confrontadas com situações conflitantes; vivenciam precárias condições de vida, insegurança crescente, dificuldades para encontrar trabalho nos países de acolhimento, problemas de saúde; falta de acesso à educação formal; conflitos psicológicos; culturais e espirituais; além da rejeição e xenofobia nos lugares de refúgio. Quer dizer, elas se veem constantemente sujeitas a condições de vida francamente desumanas e, no limite, a morte.¹⁰

Além desses problemas enfrentados por estas pessoas migrantes e refugiadas destacados por Zwetsch, chamamos a atenção para outros fatores destacados pela jornalista e comunicadora social Pepita Martin Ortega. Para ela são várias as dificuldades e problemas que os e as migrantes e pessoas refugiadas enfrentam no processo de integração social. Entre eles, destaca-se a dificuldade imposta pela língua, a qual tem implicações diretas para obtenção de emprego; a escolaridade e o ensino que “acaba afetando outras dimensões como o das oportunidades de trabalho”; a moradia, a qual é uma necessidade básica; a mudança de contexto cultural, que “pode trazer uma sensação de inadequação e isolamento”; a questão do trabalho, o qual representa “um dos fatores mais importantes para a integração do refugiado à sociedade, mas também é o mais difícil”; e,

⁹ OIM. Mais de 1,2 mil crianças morreram desde 2014 tentando migrar, alerta ONU. 2018. *ONUBR*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mais-de-12-mil-criancas-morreram-desde-2014-tentando-migrar-alerta-onu/>>. Acesso em: 13 abr. 2018

¹⁰ ZWETSCH, Roberto E. Migração, interculturalidade e Resiliência: Desafios para a democracia, os direitos humanos e as comunidades religiosas. In: MOREIRA, Alberto da Silva (Org.) *Religião, migração e mobilidade humana*. Goiânia: PUC Goiás, 2017b. p. 126.

finalmente, o drama do preconceito, que “perpassa todos os obstáculos enfrentados pelos refugiados na integração à sociedade brasileira”¹¹.

Em relação aos migrantes e refugiados africanos, não é de agora que os processos migratórios que eles experimentam são permeados de muita violência, opressão e sofrimentos, conforme sustenta Marília Conforto: “A história da diáspora africana e do processo de migração é a história da violência, da coisificação das etnias africanas, que se tornaram negros-escravos e instrumentos de trabalho, no decorrer dos séculos XV ao XIX”¹². Infelizmente, após 130 anos da publicação da Lei Áurea (1888) vários elementos ligados à violência e opressão ainda permeiam a situação de vida de migrantes e refugiados que chegam ao Brasil.

Em seu estudo a respeito, Larissa Rangel sustenta que o racismo continua sendo uma violenta fonte de exclusão para os migrantes e refugiados negros. Afirma ela: “Há uma percepção controversa do racismo no Brasil. Os meios de comunicação e a população nunca fazem uma descrição racista da migração, mas os imigrantes e refugiados afirmam sentir rejeição em sua vida diária”¹³. Para a referida autora, existe no Brasil um racismo camuflado e silencioso, escondido no argumento da miscigenação.

1.3 Causas das migrações e refúgios

Nos últimos anos o Brasil se tornou o destino final de uma enorme quantidade de migrantes e refugiados provenientes de vários países:

Nos últimos anos, o Brasil vem recebendo migrantes e refugiados do Haiti, do Senegal, da Nigéria, de Gana, de Benin, da Angola, do Bangladesh, da Índia, da Palestina, ultimamente também da Síria conflagrada, num fluxo migratório que se intensificou especialmente a partir de 2010.¹⁴

Para Zwetsch, o Brasil aparece nas rotas de destino de migrações por dois motivos: primeiro, por sua tradição de acolhimento; depois por leis e acordos que favorecem a recepção de migrantes¹⁵. Para Vânia B. Melotti Herédia e Bruna Pandolfi, “o Brasil foi incorporado às rotas de destino de migrantes e refugiados internacionais pelas perspectivas promissoras de crescimento

¹¹ ORTEGA, Pepita Martin. A situação dos refugiados no Brasil e os obstáculos enfrentados na integração local. 2016. *Jornalismo Especializado*. Disponível em: <https://jornalismoespecializadounesp.wordpress.com/2016/10/17/a-situacao-dos-refugiados-no-brasil-e-os-obstaculos-enfrentados-na-integracao-local/>. Acesso em: 13 de Abr. 2018.

¹² CONFORTO, Marília. A cosmovisão africana: Considerações sobre o mundo africano. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Org). *Migrações e refúgios internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015. p. 52.

¹³ RANGEL, Larissa. Onde está a África no Brasil? Um retrato da recente imigração senegalesa sob o olhar da mídia brasileira. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Org). *Migrações e refúgios internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015. p. 85.

¹⁴ ZWETSCH, 2017b, p. 128.

¹⁵ ZWETSCH, 2017b, p. 126.

econômico”¹⁶. Perspectivas essas geradas pelo acentuado crescimento econômico durante o governo do Partido dos Trabalhadores antes do golpe parlamentar, jurídico e midiático, ocorrido em 2016.

Para Zwetsch, “do ponto de vista das populações atingidas, a migração forçada surge como uma das poucas alternativas de sobrevivência. Às vezes, é a única saída, por mais dramática que seja”¹⁷. Segundo dados oficiais, o número de pessoas forçadas a sair de seu país de origem cresce sistematicamente, batendo novos recordes a cada ano:

Considerado o maior levantamento sobre deslocamentos no mundo, o relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) revela que em 2016 cerca de 65,6 milhões de pessoas foram forçadas a se deslocar em todo o mundo. O número é o maior já registrado. As informações, divulgadas hoje (19) no novo relatório Acnur Tendências Globais, mostram que os dados superam os números registrados em 2015, com aumento de mais de 300 mil pessoas.¹⁸

Para o ACNUR, “conflitos políticos, guerras e perseguições são as principais causas dos deslocamentos”¹⁹. Zwetsch cita outros fatores que causam os deslocamentos forçados:

perseguição política, agravamento das condições socioeconômicas, tragédias e crimes ambientais, expulsão de comunidades inteiras de seus territórios tradicionais, estes são alguns dos motivos que fazem milhões de pessoas migrarem de seus lugares de origem em busca de segurança, oportunidades de trabalho, melhores condições de vida e perspectivas de futuro para si e as novas gerações.²⁰

Zwetsch é categórico ao afirmar que “o crescimento extraordinário da migração internacional atualmente é produto do desenvolvimento *desigual* do capitalismo global do século XXI. Quem mais sofre seus efeitos são as populações empobrecidas e mais vulneráveis”²¹. Conforme aponta Néstor Míguez, o capitalismo, em sua atual fase dominada pela financeirização da economia, se mostra gigante em relação ao domínio econômico e político, no entanto, se mostra limitado em não saber lidar com a vida humana e do planeta. E, assim, por almejar a globalidade o sistema vai tornando cada vez mais precária a vida do planeta. Do outro lado da chamada globalização neoliberal, encontra-se a exploração, a miséria, a opressão e a alienação. Se, por um lado, a globalização consegue transgredir fronteiras baixando custos de

¹⁶ HERÉDIA, Vania Beatriz Melotti; PANDOLFI, Bruna. Migrações e refúgios internacionais: o caso dos senegaleses em Caxias do Sul. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Org). *Migrações e refúgios internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015. p. 96.

¹⁷ ZWETSCH, Roberto. Migração, interculturalidade e Resiliência: Desafios para a democracia, os direitos humanos e as comunidades religiosas. In: MOREIRA, Alberto da Silva (org.). *Religião, migração e mobilidade humana*. Goiânia: PUCGO, 2017. p. 126.

¹⁸ NASCIMENTO, Luciano. Acnur: cerca de 65,6 milhões de pessoas foram forçadas a se deslocar em 2016. 2017. *Agência Brasil*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/acnur-cerca-de-656-milhoes-de-pessoas-foram-forçadas-se-deslocar-em>>. Acesso em 11 Abr. de 2018. Grifo nosso.

¹⁹ NASCIMENTO, 2017.

²⁰ ZWETSCH, 2017b, p. 126.

²¹ ZWETSCH, 2017b, p. 128.

produtos para o consumo, por outro, ela promove a exploração sistemática nos países mais pobres²². Zwetsch concorda com Míguez, trazendo para o contexto das migrações e refúgios a questão das relações internacionais:

O que se observa é que a geopolítica do capital reorganiza os territórios e deixa pouca alternativa aos países não desenvolvidos. Temos, então, conflitos internos, guerras civis, catástrofes ambientais, muitas delas provocadas pelo próprio desenvolvimento predatório e pelo assalto aos recursos naturais, mas também aumento da miséria, da pobreza e da degradação ambiental.²³

Ao mesmo tempo em que a lógica do sistema deixa um rastro de destruição e morte, o sistema mesmo não assume seus custos sociais. Enquanto ele se desenvolve seguindo a sua dinâmica, a pobreza e a miséria aumentam legitimadas pela lógica do capital, do crescimento econômico, justificando além disso a política neoliberal dos “ajustes econômicos”, os quais normalmente significam perda de direitos sociais, afrouxamento das leis trabalhistas e precarização das relações de trabalho, além de exponenciais crimes contra o meio ambiente²⁴. O sistema econômico mundial dominante não se responsabiliza por seus efeitos colaterais, mas os assume como necessários para um ‘bem maior’, isto é, para alguns viverem outros devem morrer. Segundo esta lógica, diante dos impasses vividos pelo capitalismo mundial neste início de século, nada precisa ser feito, a questão é deixar livre o sistema para que funcione, enquanto vidas são sacrificadas em prol da manutenção dessa lógica implacável²⁵. Como escreveu Hugo Assmann:

²² MÍGUEZ, Néstor et al. *Para além do espírito do império: novas perspectivas em política e religião*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 32.

²³ ZWETSCH, 2017, p. 128-129.

²⁴ São muitos os exemplos dessa subordinação da vida das pessoas e do meio ambiente às lógicas e aos interesses do sistema capitalista neoliberal, na atualidade. Lembramos aqui do crime acontecido na cidade de Mariana-MG, gerado pelo descaso de empresas multinacionais multimilionárias, em relação ao meio ambiente e à vida das pessoas. O mais grave é que boa parte das infrações cometidas pelas empresas responsáveis (BHP Billiton, Samarco e Vale) continuam impunes, processos judiciais suspensos e iniciativas para reparar as famílias e o meio ambiente continuam no papel: “Em números totais foram 19 mortos, um aborto forçado pela lama e 55 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minérios que se espalharam pelos rios Gualaxo do Norte, Carmo e Doce até a sua foz, em Regênciã (ES). Mas, a complexidade dos impactos na vida de cada atingido ainda é incalculável. Contaminação das águas, problemas de saúde (física e mental), moradias destruídas, perda de fontes de trabalho e renda e dispersão dos laços comunitários são alguns dos muitos problemas encontrados ao longo desses 22 meses de crime continuado [...]. Mas, alguns desses traumas não foram causados apenas em decorrência do fatídico dia do rompimento da barragem das mineradoras BHP Billiton, Samarco e Vale. Eles foram agravados ou surgiram no decorrer do processo de negação de direitos em conluio com a Justiça. Essa é a opinião de Thiago Alves, integrante da coordenação estadual do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), em Minas Gerais; ‘A nossa experiência acompanhando a bacia do rio Doce mostra que a Justiça brasileira atua para beneficiar as empresas criminosas. Hoje, todos os principais processos contra as mineradoras estão parados’ [...] ‘Nenhuma ação definitiva avançou: moradia, reativação econômica, indenização justa, água limpa’, comenta Thiago”. MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. *Crime da Samarco: 22 meses de impunidade do rompimento da barragem em Mariana (MG)*. MAB. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/noticia/crime-da-samarco-22-meses-impunidade-do-rompimento-da-barragem-em-mariana-mg-0>>. Acesso em: 14 de maio 2018.

²⁵ BEAUDIN, Michel. A lógica sacrificial desconhecida do capitalismo neoliberal e sua impossível legitimação teológica. *Concilium*, Petrópolis, n. 352, 2013, p. 29.

Partes enormes da população mundial passam ao rol de ‘massa sobranete’, na perspectiva do crescimento econômico, mito obsessivo que praticamente alijou do debate a questão do desenvolvimento social. Trata-se de milhares de pessoas que são consideradas descartáveis pelo sistema, nem mais exploradas, mas sim marginalizadas, uma vez que não se encaixam na lógica do consumo e da rentabilidade.²⁶

Os excluídos não são mais vistos como peças importantes para a produção. As pessoas que não servem para a lógica de seu crescimento econômico são marginalizadas, abandonadas, tidas como descartáveis²⁷. Como escreveu Jung Mo Sung: “Os sofrimentos e as mortes dos pobres, na medida em que são considerados como o outro lado da moeda do ‘progresso redentor’, são interpretados como ‘sacrifícios necessários’ para esse mesmo progresso.”²⁸ Nesse contexto, os migrantes e refugiados são considerados massas sobranetes, custo social necessário para o desenvolvimento econômico do planeta.

Diante desse cenário, a migração forçada surge com única alternativa à miséria e à violência, independentemente dos riscos das viagens e das incertezas quanto ao destino final. É importante frisar que não é só a opressão e o sofrimento que movem o migrante. Os sonhos e a esperança de uma vida melhor em outro país são fundamentais para essas pessoas que deixam para trás o pouco, que muitas vezes é tudo o que têm na vida.

Tendo esses elementos e aspectos que fazem parte da realidade das migrações e refúgios como pressuposto, analisaremos de forma panorâmica como a temática aparece no testemunho bíblico, que inspiração este testemunho nos oferece para uma nova atuação como forma de fé e igreja hoje.

2 – Aspectos bíblicos e teológicos da migração

Para o biblista Hans Trein a diversidade cultural presente nos processos migratórios pode ser explicada com base num trecho bíblico: “Segundo Gênesis 11, a diversificação das culturas foi o método de Deus para salvar o planeta e evitar que uma cultura hegemônica pusesse tudo a perder”²⁹. Para Trein, o evento da Torre de Babel representa o “não” de Deus a toda iniciativa humana xenófoba e etnocêntrica, e, conseqüentemente, o “sim” de Deus à diversidade cultural presente no mundo, a qual é central para debatermos a temática das migrações e refúgios. Ora, se a diversidade é criação de Deus, não nos resta alternativa a não ser respeitá-la e zelarmos para que a mesma seja promovida, como um aspecto fundamental da existência humana e da sua relação com o Criador.

²⁶ ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica de exclusão: ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 5.

²⁷ ASSMANN, 1994, p. 51.

²⁸ SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 30.

²⁹ TREIN, Hans. *Migração – uma abordagem bíblica*. In: *Curso EAD – Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. p. 1. Disponível em: <https://ava.est.edu.br>. Acesso em: 13 Abr. 2018.

2.1 Processos migratórios no Antigo Testamento

A Bíblia relata inúmeros casos referentes a processos migratórios. Algumas dessas migrações e refúgios são fundantes da fé de Israel, como a migração de Abraão (Gênesis 12) e a libertação dos hebreus, que enfrentam o deserto para chegar à terra prometida por Deus (Êxodo 3). Trein afirma categoricamente que a identidade da fé judaica, o fundamento da fé de Israel, está diretamente ligada aos processos migratórios:

No Primeiro Testamento a migração está relacionada com a constituição e a história do povo de Israel. Foca a busca da terra prometida e o retorno a ela. O povo de Israel assegura a sua identidade pela memória da migração do Êxodo. Trata-se de recordar a experiência de ter sido estrangeiro e escravo, no Egito, e de ter experimentado a ação libertadora de Deus, em vista de experiências de migração como as de Abraão e Moisés. A memória da migração torna-se a marca constitutiva da identidade do povo de Israel. Assim ela se apresenta na mais antiga confissão de fé judaica, em Deuteronômio 6.20-23. Foi tão marcante a experiência que passou a fazer parte da liturgia nas celebrações de oferta (Deuteronômio 26.5-9).³⁰

Além do disso, Deus se revelou a Moisés e ao povo hebreu como aquele que acompanha as pessoas migrantes no processo de libertação rumo a uma vida digna: “Em Êxodo 3.15, Deus se apresenta através de uma forma verbal. IAHWE - no hebraico - indica para um acompanhamento solidário. O testemunho bíblico reúne experiências religiosas com um Deus que é ação”³¹. Para Trein, a segunda experiência coletiva de migração, na história de Israel, se dá no exílio babilônico³². É uma migração forçada, a qual foi permeada de muito sofrimento e opressão, conforme lembra o Salmista: “Às margens dos rios da Babilônia, nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião” (Salmo 137.1).

Trein sustenta que o intenso sofrimento experimentado pelo povo de Judá no exílio babilônico foi determinante para a visível sensibilidade, cuidado e atenção em relação à situação do forasteiro e forasteira na tradição do AT, ainda que esta tradição não tenha sido dominante como se pode constatar nas críticas proféticas:

Essa experiência de exílio, de vivência forçada em terra e cultura estranha, certamente foi a base para as reiteradas indicações no Primeiro Testamento, de que o *ger*, "o estrangeiro", deve ser protegido. Elas são um reflexo do próprio sentimento de estar entregue, sem direitos, desamparado em terra estranha, durante os períodos de estadia e dos movimentos involuntários de migração do passado.³³

É interessante perceber que o povo exilado percebe a revelação de Deus através da crueza da própria vida. A vida é como um espelho da palavra de Deus, mesmo no sofrimento e opressão,

³⁰ TREIN, 2017, p. 3.

³¹ TREIN, 2017, p. 2.

³² TREIN, 2017, p. 3.

³³ TREIN, 2017, p. 3.

mostrando-se como palavra de vida, de esperança, de coragem, que anima as pessoas migrantes e refugiadas tanto na travessia como no destino.

2.2 Deus ama o estrangeiro e a estrangeira³⁴

A relação do tema da pesquisa com a fé de Israel vai além dos processos migratórios frequentes. O testemunho bíblico demonstra que o Deus de Israel tem uma relação de amor estabelecida com os estrangeiros e estrangeiras: “Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, [...] que faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestes. Amai, pois, o estrangeiro, porque fostes estrangeiros na terra do Egito”. (Deuteronômio 18. 17,19).

Para o biblista Pedro Kramer, Deus fez uma opção pela tríade economicamente mais fraca em Israel, a saber, “o estrangeiro, o órfão e a viúva”. Ele continua: “Por esses três grupos sociais Iahweh fez uma opção preferencial, esperando dos israelitas, que optaram por ele, que façam o mesmo”³⁵. Para Kramer, esse amor de Deus pelas pessoas estrangeiras é concreto e foi percebido de forma ímpar pelo redator do decálogo e das leis complementares, expostas no livro de Deuteronômio:

Outra conclusão refere-se à teologia, à espiritualidade e à mística do redator das leis de proteção e de assistência social aos estrangeiros. Sua fé no Deus Iahweh o revela um monoteísta impressionante. Para ele, Iahweh não só ama os israelitas, mas também os estrangeiros que vivem no meio deles e fazem parte de sua sociedade. Para ele, além disso, Deus só é autêntico, verdadeiro e legítimo quando ele, além de sua titulação excelsa e poderosa, opta pelas pessoas que vivem nos mais profundos porões da humanidade. Para que estas situações acabem, o redator foi tão inventivo que criou leis de promoção e assistência social para o estrangeiro e outros grupos de pessoas economicamente fracas e legalmente dependentes que, para os séculos VII e VI aC da história dos israelitas, eram inéditas e inauditas se forem comparadas às leis dos códigos legais do antigo Oriente Médio daquele tempo.³⁶

Nesse sentido, percebe-se que o amor de Deus pelas pessoas estrangeiras passa longe de ser uma abstração ou um mero sentimento, mas acontece na concretude da vida, na própria organização social do antigo Israel, com leis que buscavam assegurar os direitos dos estrangeiros e estrangeiras.

³⁴ Pedro Kramer, biblista especialista em Antigo Testamento, esclarece que os redatores do livro de Deuteronômio, principal livro bíblico explorado nesse tópico, utilizam dois termos diferentes para se referir às pessoas estrangeiras: “Eles usam com mais frequência o termo hebraico *ger* para ‘estrangeiro’, mas também usam o vocabulário *nokry*. [...] O *ger* é um estrangeiro que emigrou da sua pátria e imigrou no país de Israel. Ele agora mora entre os israelitas e faz parte dessa sociedade. [...] *nokry* indica um estrangeiro de viagem ou de passagem; ele é uma espécie de turista. KRAMER, Pedro. Amor de Deus pelo estrangeiro. In: OLIVEIRA, Flávio Martinez de; INSTITUTO TEOLÓGICO FRANCISCANO. *Iahweh ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa* (Dt 10,18). Petrópolis: Vozes, 2017. p. 113-114.

³⁵ KRAMER, 2017, p. 110

³⁶ KRAMER, 2017, p. 118.

Por fim, é importante declarar que a raiz da fé de Israel tem suas bases em várias experiências migratórias feitas tanto por indivíduos, como Abraão e sua família, quanto de forma coletiva, como na tradição da libertação do povo hebreu que migrou até Canaã e, posteriormente, a saída da elite de Judá que foi exilada na Babilônia. Além disso, Iahweh é visto como um Deus que se revela no processo migratório, no caminho da libertação. Mas acima de tudo, como um Deus que ama de forma concreta os estrangeiros e estrangeiras.

2.3 Migrantes, estrangeiros e Jesus

Trein chama a atenção para o fato de que são justamente os estrangeiros os primeiros a visitarem o menino Jesus, que nasce como filho de migrantes:

No Novo Testamento a presença de estranhos reconhecendo Jesus como evento especial de Deus já começa com a visita dos Magos do Oriente. Orientados por suas próprias crenças, eles vêm de longe e chegam com presentes e honrarias até àquela estrebaria, onde contraditoriamente teria nascido um rei. O próprio Jesus nasce como filho de migrantes e refugiados (Mateus 2.13-15, 19-21).³⁷

A identificação de Jesus com os estrangeiros e estrangeiras vai além dos argumentos expressados acima. Para escândalo dos religiosos judeus de sua época, Jesus reconhece a fé das pessoas não judias, como no caso da mulher cananeia (Mateus 15. 21,28) e do centurião romano (Mateus 8. 5,13). No caso do centurião, Jesus, além de admirar-se com a fé do militar, afirmando que nem mesmo em Israel tinha visto uma fé como aquela, ainda conclui que “muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus” (Mateus 8. 11). Sem dúvida, esta afirmação deve ter causado ira entre os judeus ortodoxos. Com a mulher cananeia Jesus é levado a repensar a perspectiva e dimensão de sua própria missão, que anteriormente estava fechada apenas ao povo judeu. Trein sustenta que Jesus aprendeu a respeitar a fé da pessoa estrangeira:

Entre os "estrangeiros", Jesus como judeu, também considera a fé dos samaritanos, da pessoa que voltou para agradecer pela cura da lepra (Lucas 14.18) e do bom samaritano que acudiu o assaltado à beira do caminho (Lucas 10.33): ou seja, o estrangeiro é o próximo! E nós, o próximo dele.³⁸

A principal passagem do Novo Testamento em que Jesus trata diretamente sobre a questão dos forasteiros, embora dentro de um bloco dos grupos excluídos e marginalizados do seu tempo, encontra-se no livro do evangelista Mateus 25. 31,40:

³⁷ TREIN, 2017, p. 6.

³⁸ TREIN, 2017, p. 7.

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

O evangelista Mateus coloca o trecho citado como o último discurso organizado de Jesus antes da última ceia e do posterior processo da crucificação. Nesse discurso Jesus coloca os critérios que são fundamentais para a vivência cristã e que serão critérios para o julgamento final. É seu último discurso e por isso evidencia aquilo que precisa ser tomado como critério último para compreender sua revelação e presença. Sua opção pelos grupos e pessoas marginalizadas se torna inquestionável a ponto de afirmar uma comunhão sacramental com essas pessoas. Sobre isso, comenta o teólogo austríaco Franz Gmainer-Pranzl, buscando identificar a relação de Jesus com os grupos citados no texto:

"Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (25.40). [...] O ponto central desse discurso escatológico é claramente a identificação de Jesus com aqueles que sofrem, o que deve ser entendido, em última instância, não em termos de moral, mas de sacramento: enquanto forma real da presença. Os pobres, excluídos, estranhos etc. não são apenas um objeto do amor ao próximo, eles são o "sacramento" de Cristo, lugar de sua presença [...].³⁹

Atualizando de forma livre, podemos afirmar que Jesus está presente nas presidiárias e presidiários injustiçados, nos pobres que não têm o que comer, nos doentes que morrem na fila do SUS, nas migrantes e refugiadas que sofrem e que sonham com uma vida digna longe de sua terra. Tendo em vista a importância desse tema para a reflexão sobre a realidade das pessoas migrantes e refugiadas e a respectiva missão da Igreja junto a essas pessoas e com elas, buscaremos nos apropriar do conceito sobre a *opção preferencial pelos pobres*, elemento central no ministério de Jesus Cristo, para refletirmos sobre a atualidade desafiadora da temática desta pesquisa.

2.4 A opção de Jesus pelas pessoas pobres, migrantes e refugiadas

³⁹ GMAINER-PRANZL, Franz. O estranho: um problema social como reivindicação à teologia. In: GMAINER-PRANZL, Franz; JACOBSEN, Eneida (Orgs.) *Teologia Pública*. Deslocamentos da Teologia Contemporânea. V. 5. São Leopoldo, Sinodal, EST, 2015. p. 191.

O principal conceito redescoberto pela teologia latino-americana nas últimas décadas, que nos ajuda a refletir sobre a questão das migrações e refúgios na atualidade, é seguramente a opção preferencial pelos pobres. Para Gutiérrez, a opção preferencial pelos pobres representa não só o elemento medular da TdL, como também da identidade cristã e eclesial⁴⁰. Sobre isso concorda João Batista Libanio: “A igreja só é verdadeiramente católica se ela for Igreja dos pobres. Essa é uma tradição bíblica, evangélica, e a igreja não pode perder isso”⁴¹.

Tal opção representa em primeiro lugar uma adesão ao Deus de Jesus Cristo, o qual faz uma real opção pelos grupos marginalizados de seu tempo. “Jesus reúne em torno de si mesmo o povo dos marginalizados, dos rejeitados, dos oprimidos”⁴². Tal anúncio, conforme nos atestam as palavras de Comblin, conserva um forte teor político quando o Deus de Jesus mostra estar efetiva e concretamente ao lado dos grupos e pessoas oprimidas, ao longo de toda história de Israel:

A atitude de Javé para com os pobres mostra que Ele toma partido num conflito. Deus toma partido pelos pobres, reivindica seus direitos, defende a causa deles, exige justiça da parte de seu povo, da parte do rei e, por meio dos profetas, protesta contra todas as formas de opressão.⁴³

A constatação desta opção de Deus pelos grupos e pessoas subjugadas chama seus seguidores a também fazê-la. Não há como se esquivar. Ora, se o Senhor da nossa fé fez a opção pelos excluídos e marginalizados de forma gratuita, é nossa obrigação também fazê-la em nosso tempo e contexto.

O sentido último dessa preferência de Jesus pelos pobres, conforme a narrativa evangélica é seu anseio profundo pela recuperação de uma imagem e semelhança de Deus, ofuscada pela opressão, marginalização, enfim, pela negação da dignidade. Sobre isto comenta José Comblin: “Não, não foi por simpatia pelo mal e pelo sofrimento, pela miséria dos doentes, paralíticos, cegos e pecadores e toda sorte de marginalizados, desempregados que ele se encontrava no meio deles, mas para ser a promessa e fonte de vida”⁴⁴.

A opção pelos marginalizados e excluídos tem como pano de fundo o anseio maior de Deus em incluir tais grupos e pessoas em seu projeto de vida plena, conforme atesta o evangelista João ao retomar palavras de Jesus: “Eu vim para que tenha vida, e a tenham em abundância” (João 10.10b). Desta forma, constata-se que o objetivo da assunção desta perspectiva é a libertação

⁴⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998. p. 55.

⁴¹ LIBÂNIO, João Batista. Qual a nova consciência de Igreja que acompanha a irrupção histórica dos pobres na América Latina? In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Teologia da libertação: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 21.

⁴² COMBLIN, José. Os pobres como sujeitos da história. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana/RIBLA*. Petrópolis, nº 3, 1989. p. 39.

⁴³ COMBLIN, 1989. p. 38.

⁴⁴ COMBLIN, José. *O clamor dos oprimidos: o clamor de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 31.

integral e histórica. A opção pelos grupos marginalizados feita pelo Deus de Jesus tem o objetivo de libertar e anunciar uma realidade que seja favorável à vida em todos os sentidos.

Por outro lado, essa opção significa uma tomada de partido do próprio Deus pelos mais fracos, em um mundo marcado por jogo de forças e interesses, e que visa a possibilitar vida plena para aqueles e aquelas que a realidade nega sistematicamente. Assim também deve ser compreendida a missão da igreja que faz a opção pelos pobres. Ela se coloca ao lado das classes oprimidas para junto com elas lutar por sua libertação. Sua missão é ser uma parceira na missão libertadora de Deus no mundo, sempre a partir das pessoas negadas em sua dignidade de filhas de Deus. Nesta direção podemos entender a ponderação de Pablo Richard:

A OPP é uma opção por pessoas concretas, mas também é uma opção unida aos pobres contra a pobreza; é uma opção por uma sociedade sem pobres e sem pobreza. Na OPP não só está o “nós” e “os pobres”, mas há uma terceira realidade: “uma sociedade onde caibam todos e todas em harmonia com a natureza”.⁴⁵

Nesse sentido, a atuação da igreja, em todas as suas expressões e dimensões, deveria representar sempre, assim como o evangelho, uma boa notícia a todos os grupos e pessoas oprimidas, desprezadas, humilhadas em nosso continente, boa notícia carregada da promessa de libertação histórica.

O Papa Francisco durante a Solenidade da Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria em 2017 chamou a atenção para a centralidade que o cuidado ao forasteiro tem em toda tradição bíblica, colocando em diálogo a opção preferencial pelos pobres e a realidade dramática dos migrantes e refugiados na atualidade.

Cada forasteiro que bate à nossa porta é ocasião de encontro com Jesus Cristo, que se identifica com o forasteiro acolhido ou rejeitado de cada época (cf. Mt 25, 35.43). O Senhor confia ao amor materno da Igreja cada ser humano forçado a deixar a sua pátria à procura dum futuro melhor. Esta solicitude deve expressar-se, de maneira concreta, nas várias etapas da experiência migratória: desde a partida e a travessia até à chegada e ao regresso. Trata-se de uma grande responsabilidade que a Igreja deseja partilhar com todos os crentes e os homens e mulheres de boa vontade, que são chamados a dar resposta aos numerosos desafios colocados pelas migrações e refúgios contemporâneos com generosidade, prontidão, sabedoria e clarividência, cada qual segundo as suas possibilidades.⁴⁶

A opção que Jesus fez por todas as pessoas e grupos oprimidos e marginalizados do seu tempo determina o foco da missão da Igreja na atualidade. A partir da percepção de que os

⁴⁵ RICHARD, Pablo. *Força ética e espiritual da teologia da libertação*: no contexto atual da globalização. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 90.

⁴⁶ PAPA FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial do migrante e do refugiado 2018. 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html>. Acesso 16 abr. 2018.

migrantes e refugiados representam um dos grupos mais oprimidos do nosso tempo, os quais clamam por socorro, a Igreja perde a sua inocência em relação a esse problema humanitário. Ela é convocada pelo próprio Cristo a fortalecer suas iniciativas que já estão acontecendo, ser criativa e corajosa em propor novas frentes de atuação e se aliar aos movimentos e organizações envolvidas e comprometidas com esses grupos.

O desafio da caminhada com migrantes e refugiados, assim, se coloca como um chamado à diaconia transformadora, ao compromisso com as pessoas que mais sofrem. E isto por uma razão precisamente *evangélica*: nelas vamos nos encontrar com o corpo e o rosto transfigurado do próprio Jesus que com elas se identifica, ainda que humanamente não o possamos compreender com facilidade.

Na conclusão desta pesquisa, vamos nos valer brevemente de algumas experiências positivas de igrejas que desenvolvem trabalhos junto a pessoas migrantes e refugiadas, e, posteriormente, buscaremos identificar os principais desafios que a IECLB precisa enfrentar no que se refere à temática, apontando assim algumas pistas de ação.

Conclusão

A análise de aspectos da realidade construída no primeiro capítulo dessa pesquisa demonstrou que as migrações e refúgios na atualidade estão compostas por muita dor, sofrimento e violência sistemática à dignidade humana, as quais, na maioria das vezes, acompanham os migrantes e refugiados em todas as etapas do deslocamento, inclusive no país de destino.

Diante disso, é importante frisar que uma pesquisa de cunho teórico e bibliográfico como esta, por mais bem-intencionada, objetiva e coerente que seja na seleção e análise dos dados, jamais conseguirá captar e transmitir a intensidade e densidade do drama enfrentado pelas pessoas, que por diversas razões, precisam sair de seus países e buscar a sorte num outro contexto, por vezes, completamente distinto do originário.

As causas dos deslocamentos são distintas, variam desde conflitos civis até contextos de extrema miséria social, consequência do desenvolvimento *desigual* do capitalismo global do século XXI, em suas mais variadas facetas e dimensões. Por vezes, os contextos são tão insustentáveis que a única saída que resta é o deslocamento. Nessa situação, vidas são colocadas em risco, mortes se acumulam, tanto em fronteiras terrestres como em marítimas.

Tal contexto convoca as igrejas cristãs a darem seu testemunho de amor e de justiça, de forma comprometida e concreta. Não há como se esquivar! Ainda mais pelo fato do fenômeno migratório fazer parte da história do Povo de Deus, desde os tempos do Antigo Testamento, onde Deus escolheu se revelar por meio da libertação de um povo escravizado e durante a sua trajetória

pelo deserto, rumo à libertação. A importância que as migrações ocupam no Antigo Testamento é central para se compreender a fé de Israel. E no Novo Testamento não foi diferente.

A primeira experiência de Jesus no mundo é de um refugiado que foge com sua família para o Egito para se esquivar da morte. A realidade de tantos e tantas migrantes e refugiadas hoje foi vivenciada por Jesus! Não foi por acaso que estabeleceu uma comunhão sacramental com os pobres de seu tempo, com as pessoas necessitadas de muitas coisas, mas principalmente daquilo que é fundamental para a sobrevivência. Fez questão de identificar um grupo em especial: a saber, naquele que ele habitou na primeira experiência “*de verbo que se fez carne*”, adotando seu ritmo de vida como método de missão: missão itinerante, peregrina, migrante: “*era forasteiro, e me hospedastes*”.

O contexto dramático das pessoas migrantes e refugiadas apresentado nessa pesquisa permite a atualização da frase testemunhada pelo evangelista Mateus: Jesus não só foi forasteiro, Jesus é forasteiro, é migrante, é refugiado. Está entre os mortos na fronteira entre México e Estados Unidos, entre os afogados no maior cemitério do século XXI denominado Mar Mediterrâneo, mas permanece mais vivo do que nunca, entre aqueles e aquelas que conseguem superar todas as adversidades das travessias e chegam no Brasil ou em qualquer outro país, e ali reconstruem suas vidas, garimpando empregos, saúde, educação, enviando dinheiro para seus familiares e jamais desistindo de esperar.

A relação entre a igreja e os migrantes não se resume apenas em uma realidade dramática e o decorrente compromisso que o Evangelho coloca para ela. Existem ações concretas acontecendo no âmbito das igrejas. Sinais ainda tímidos, mas concretos, corajosos e transformadores. É o caso do CAM⁴⁷ e sua integração com a comunidade católica (ICAR) local, localizados na cidade de Caxias do Sul-RS: “O CAM tem como missão fundamental promover a participação das pessoas migrantes e refugiados na sociedade de acolhida, favorecendo que eles e elas preservem seu patrimônio cultural e religioso”⁴⁸. Além do importante trabalho, em si, que essa organização desenvolve junto aos migrantes da região de Caxias do Sul, ganha destaque o papel de

⁴⁷ O CAM, criado em 1984, é uma obra das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo - Scalabrinianas (MSCS), uma congregação religiosa da Igreja Católica Romana, fundada por Dom João Batista Scalabrini, bispo da diocese de Piacenza, Itália, em 25/10/1895. A fundação da Congregação das irmãs scalabrinianas está ligada a uma época de profundas mudanças econômico-sociais, políticas e culturais que geraram migrações e refúgios em massa da Europa para as Américas. Atualmente a Congregação está presente em 27 países, marcando presença missionária caracterizada por uma pastoral específica e especializada, dialógica e de comunhão e que se volta prioritariamente a migrantes. GONÇALVES, Irmã Maria do Carmo dos Santos; CAMELO, Juliana. CAM: A experiência com migrantes muçulmanos em Caxias do Sul: a mediação intercultural. In: In: *Curso EAD – Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. Disponível em: <https://ava.est.edu.br>. Acesso 13 abr. 2018.

⁴⁸ GONÇALVES; CAMELO, 2017.

protagonismo dos próprios migrantes na dinâmica interna da instituição, além da integração com a comunidade de fé local⁴⁹.

Cabe ainda recordar aqui uma consulta conjunta realizada pela IECLB e a Igreja Evangélica Luterana na Baviera (ELKB), nos dias 7 a 10 de setembro em 2015 na cidade de Belo Horizonte, MG. A pauta central deste encontro, a despeito da diversidade dos tópicos tratados, foi o tema imigração/migração como um grande desafio para as igrejas em vista da internacionalização deste fenômeno social e humano que atinge sempre mais pessoas em todo o mundo. Nossas igrejas e comunidades não podem ignorá-lo em sua missão diaconal. E isto repercute em ações e projetos que envolvam as comunidades, profissionais e pessoas especialmente qualificadas. Esta consulta permitiu fortalecer a reflexão entre ambas as igrejas através do diálogo em vista de futuras ações das igrejas em relação a este e outros desafios que a realidade social coloca para as comunidades locais e mesmo as relações internacionais⁵⁰.

Tais iniciativas mostram para as igrejas e a IECLB, em particular e de forma geral, que elas muito podem fazer para melhorar e transformar a vida dos migrantes e refugiados no Brasil, ou em qualquer outro lugar onde forem chamadas a dar seu testemunho de amor concreto. O desafio que as migrações apresentam e representam são enormes, mas, maior ainda é o testemunho do evangelho, pois maior ainda é o amor de Cristo pelas pessoas pobres, migrantes e refugiadas. Maior do que as incertezas e os vários tipos de violências enfrentadas por esse povo em deslocamento é a sua fé, sua esperança em um mundo novo, que lhes seja favorável e menos cruel. Como Igreja de Jesus Cristo no mundo, compartilhamos dessa mesma esperança, com mãos operosas nos colocando ao lado desses irmãos e dessas irmãs, rostos de Cristo, na luta por um novo mundo.

Referências

ACNUR. “Refugiados” e “Migrantes”: Perguntas Frequentes. 2016. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>. Acesso 12 abr. 2018.

⁴⁹ Para maiores informações conferir o curso EAD – *Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. Disponível em: <http://www.est.edu.br/extensao/curso/como-trabalhar-com-migrantes-a-partir-das-comunidades-de-fe>.

⁵⁰ Dentre as plenárias da consulta internacional, destaco as seguintes: “Fatores sociais e políticos, situação atual da imigração no Brasil”, Fábio Balestro Floriano; “Fugas e Refugiados em todo mundo – impactos na Europa e as reações da ELKB”, Michael Martin; “Da imigração dos séculos XIX e XX no Rio Grande do Sul até as migrações nos tempos atuais: desafios para a Igreja (IECLB) no passado e no futuro”, Osmar Witt; “Teologia Luterana na América Latina” Vitor Westhelle. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/noticias/consulta-da-ieclb-e-igreja-na-baviera>. Acesso 02 ago. 2018.

ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica de exclusão: ensaios sobre economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994.

BEAUDIN, Michel. A lógica sacrificial desconhecida do capitalismo neoliberal e sua impossível legitimação teológica. *Concilium*, Petrópolis, n. 352, p. 23-33, 2013.

BÍBLIA Almeida. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. 2. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

COMBLIN, José. *O clamor dos oprimidos: o clamor de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1984.

COMBLIN, José. Os pobres como sujeitos da história. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana/ RIBLA*. Petrópolis, nº 3, p. 36-43, 1989.

CONFORTO, Marília. A cosmovisão africana: Considerações sobre o mundo africano. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Org). *Migrações e refúgios internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015, p. 51-64.

GMAINER-PRANZL, Franz. O estranho: um problema social como reivindicação à teologia. In: GMAINER-PRANZL, Franz; JACOBSEN, Eneida (Orgs.). *Teologia Pública*. Deslocamentos da Teologia Contemporânea. V. 5. São Leopoldo, Sinodal, EST, 2015, p. 171-207.

GONÇALVES, Irmã Maria do Carmo dos Santos; CAMELO, Juliana. CAM: A experiência com migrantes muçulmanos em Caxias do Sul: a mediação intercultural. In: *Curso EAD – Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. Disponível em: <https://ava.est.edu.br>. Acesso 13 abr. 2018.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998.

HERÉDIA, Vania Beatriz Melotti; PANDOLFI, Bruna. Migrações e refúgios internacionais: o caso dos senegaleses em Caxias do Sul. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Org). *Migrações e refúgios internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015, p. 95-112.

JOLIE, Angelina. A escalada do sofrimento dos refugiados. 2016. *O GLOBO*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-escalada-do-sofrimento-dos-refugiados-15174078#ixzz5CZiMy11H>>. Acesso 13 abr. 2018.

KRAMER, Pedro. Amor de Deus pelo estrangeiro. In: OLIVEIRA, Flávio Martinez de; INSTITUTO TEOLÓGICO FRANCISCANO. *Tahweh ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa'* (Dt 10,18). Petrópolis: Vozes, 2017, p.107-129.

LIBÂNIO, João Batista. Qual a nova consciência de Igreja que acompanha a irrupção histórica dos pobres na América Latina? In: TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (Org.). *Teologia da libertação: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 21-22.

MÍGUEZ, Néstor et al. *Para além do espírito do império: novas perspectivas em política e religião*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. *Crime da Samarco: 22 meses de impunidade do rompimento da barragem em Mariana (MG)*. MAB. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/noticia/crime-da-samarco-22-meses-impunidade-do-rompimento-da-barragem-em-mariana-mg-0> . Acesso 14 maio 2018.

NASCIMENTO, Luciano. *Acnur: cerca de 65,6 milhões de pessoas foram forçadas a se deslocar em 2016*. 2017. Agência Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-06/acnur-cerca-de-656-milhoes-de-pessoas-foram-forçadas-se-deslocar-em> >. Acesso 11 abr. 2018.

OIM. *Mais de 1,2 mil crianças morreram desde 2014 tentando migrar, alerta ONU*. 2018. ONUBR. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mais-de-12-mil-criancas-morreram-desde-2014-tentando-migrar-alerta-onu/>>. Acesso 13 abr. 2018.

ORTEGA, Pepita Martin. *A situação dos refugiados no Brasil e os obstáculos enfrentados na integração local*. 2016. Jornalismo Especializado. Disponível em: <https://jornalismoespecializadounesp.wordpress.com/2016/10/17/a-situacao-dos-refugiados-no-brasil-e-os-obstaculos-enfrentados-na-integracao-local/>. Acesso 13 abr. 2018.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o dia mundial do migrante e do refugiado* 2018. 2017. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20170815_world-migrants-day-2018.html>. Acesso 16 abr. 2018.

RANGEL, Larissa. Onde está a África no Brasil? Um retrato da recente imigração senegalesa sob o olhar da mídia brasileira. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (Org). *Migrações e refúgios internacionais: o caso dos senegaleses no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2015, p. 67-92.

RICHARD, Pablo. *Força ética e espiritual da teologia da libertação: no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006.

ROSTOS DA MIGRAÇÃO. *Mona*. Disponível em: <http://rostos.org/pt/2016/03/thierry-3/>>. Acesso 10 abr. 2018.

SIEVERS, Luis H. Lajeado: uma experiência de abertura comunitária. In: *Curso EAD – Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. Disponível em: <https://ava.est.edu.br>>. Acesso 13 abr. 2018.

SOBRINO, Jon. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TREIN, Hans. Migração – uma abordagem bíblica. In: *Curso EAD – Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. Disponível em: <https://ava.est.edu.br>>. Acesso 13 abr. 2018.

ZWETSCH, Roberto E. Migração, interculturalidade e Resiliência: Desafios para a democracia, os direitos humanos e as comunidades religiosas. In: MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). *Religião, migração e mobilidade humana*. Goiânia: PUCGO, 2017, p. 125-138.

ZWETSCH, Roberto E. Migração: Um fenômeno atual e desafiador. In: *Curso EAD – Como trabalhar com migrantes nas comunidades de fé*. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017. Disponível em: <https://ava.est.edu.br>. Acesso 13 abr. 2018.